

## ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA INTEGRADAS NA CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO: AS EXPERIÊNCIAS DA UFMG, DA UNB E DA UFRGS

### RESUMO

O objetivo deste texto é apresentar as experiências que vêm sendo realizadas na UFMG, na UnB e na UFRGS, no sentido de proporcionar a integração dos currículos e, conseqüentemente, da formação entre as áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, no âmbito da Ciência da Informação. Para tanto, contextualiza a institucionalização acadêmica destes campos no Brasil e os processos de construção destes cursos nas referidas universidades. Por fim, são apresentadas algumas das questões envolvidas no desafio da efetiva integração teórica e epistemológica destas áreas.

**Palavras-chave:** Ciência da Informação; Arquivologia; Biblioteconomia; Museologia

### Archival Science, Librarianship and Museum Studies integrated in Information Science: the experiences of UFMG, UnB and UFRGS

### ABSTRACT

The aim of this paper is to present the experiences that have been held at UFMG, UnB and UFRGS in providing integration of the curricula and education of Archival Science, Librarianship and Museum Studies in Information Science. For this, it contextualizes the academic institutionalization of these fields in Brazil and the processes of construction of these courses in these universities. Finally, are presented some of the issues involved in the effectively integrating theoretical and epistemological aspects of these areas.

**Key-words:** Information Science; Archival Science; Librarianship; Museum Studies.

**Carlos Alberto Ávila Araújo**  
Professor adjunto da Escola de  
Ciência da Informação da  
Universidade Federal de Minas  
Gerais. Pós-doutorando na  
Universidade do Porto com bolsa  
CAPES. Doutor em Ciência da  
Informação.  
[casalavila@yahoo.com.br](mailto:casalavila@yahoo.com.br)

**Angélica Alves da Cunha  
Marques**  
Professora do curso de  
Arquivologia da Universidade de  
Brasília (UnB), arquivista (2003),  
mestre em Ciência da Informação  
(2007) e doutoranda em Ciência  
da Informação na mesma  
Universidade. Pesquisa sobre os  
intercâmbios nacionais e  
internacionais na  
institucionalização da  
Arquivologia como disciplina  
científica no Brasil.  
[prof.angelicamarques@gmail.com](mailto:prof.angelicamarques@gmail.com)

**Samile Andréa Souza Vanz**  
CProfessora adjunta do  
Departamento de Ciências da  
Informação da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul.  
Doutora em Informação e  
Comunicação.  
[samilevanz@terra.com.br](mailto:samilevanz@terra.com.br)

## 1 INTRODUÇÃO

Nos últimos três anos, no Brasil, ocorreu um grande aumento na oferta do ensino superior. Tal crescimento se deu por vários fatores, sendo um deles a criação do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que incentivou, nas universidades públicas federais, a criação de novas vagas e, principalmente, de novos cursos. Com isso, algumas áreas que, historicamente, no Brasil, haviam encontrado dificuldade para se estabelecer institucionalmente, conseguiram se expandir e, assim, se consolidar a partir da criação de cursos de graduação. Entre essas áreas destacam-se a Arquivologia e a Museologia.

O estabelecimento destas áreas no espaço universitário não ocorreu sem questionamentos e conflitos. No caso da Arquivologia, a inserção se deu em escolas ou departamentos de Ciência da Informação. Já a Museologia inseriu-se em escolas ou departamentos de Belas Artes, História, Antropologia ou, ainda, Ciência da Informação. Nos casos em que foram criados no espaço da Ciência da Informação, por vezes não houve a preocupação com uma integração epistemológica com os cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e com a própria área de Ciência da Informação. Em outros casos, porém, houve o interesse manifesto de promover algum tipo de integração entre eles. Tal interesse, todavia, nem sempre se refletiu numa efetiva integração.

Assim, a integração institucional tornou-se uma realidade, mas nem sempre conduziu a uma real integração teórica e epistemológica no contexto da graduação, que, em algumas realidades, ainda parece ser superficial. No Brasil, a Ciência da Informação tem acolhido essas três áreas essencialmente no âmbito da pós-graduação. Na graduação, o desafio é conciliar os pontos comuns, os diálogos e as relações entre as áreas com a manutenção das especificidades de cada uma. Ou seja, a questão que perpassa a realidade das universidades que contemplam essas áreas no espaço da Ciência da Informação parece ser “casar” seus aspectos comuns, de forma flexível e articulada, com suas relativas autonomias, aprofundando suas relações teóricas e epistemológicas.

Essa nova realidade se apresentou como um importante momento da história da Ciência da Informação no País – talvez o mais importante, desde o início da década de

1970, quando foi criado no Brasil o primeiro programa de pós-graduação dessa área. A Ciência da Informação, que vem conquistando, no Brasil, legitimação acadêmica e científica no espaço institucional ocupado pela Biblioteconomia, passa a precisar se adequar, teórica e institucionalmente, para agregar as outras duas áreas, por um lado potencializando seus estudos a partir do conceito de informação e, por outro, precisando respeitar as especificidades destas diferentes áreas do conhecimento e, mais ainda, sabendo incorporar os avanços obtidos por cada uma delas. Ou seja: é preciso assegurar que o processo ocorra em mão dupla: a Ciência da Informação não deve apenas fornecer teorias, conceitos e métodos às três áreas; deve, sim, ser capaz de acolher as especificidades delas, o conhecimento acumulado no âmbito teórico e prático de cada uma, e ser capaz de se transformar e se enriquecer a partir desse acolhimento.

Essa perspectiva de integração retoma as preocupações de Paul Otlet, expressas no seu *Traité de Documentation*, publicado em 1934, em torno das relações de cooperação entre essas disciplinas, bem como as recomendações da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), que as validou com a criação do *International Council on Archives* (ICA), em 1948; com a aproximação entre a *Fédération Internationale de Documentation* (FID) e a *International Federation of Library Associations* (IFLA); e com a realização da Conferência Intergovernamental sobre a Planificação das Infraestruturas de Documentação, que marcou um “pacto” entre as bibliotecas e os arquivos (MATOS; CUNHA, 2003). A partir da década de 1960, foram realizados alguns eventos internacionais com foco na integração dos serviços de documentação, bibliotecas e arquivos, que culminaram numa proposta de tronco comum para o ensino da Biblioteconomia, da Documentação e da Arquivologia (CONFÉRENCE..., 1974).

No Brasil, um marco significativo foi a realização do I Congresso Internacional de Arquivos, Bibliotecas, Centros de Documentação e Museus (INTEGRAR), ocorrido em São Paulo, no ano de 2002. Tais esforços e iniciativas buscaram, assim, efetivar os pressupostos de interação e reciprocidade que perpassam a definição de

*interdisciplinaridade*, característica reconhecida da Ciência da Informação (SARACEVIC, 1996; LE COADIC, 1996).

É nessa temática que se insere o presente artigo, que tem por objetivo apresentar um relato sobre as três experiências brasileiras que, recentemente, começaram a construir uma perspectiva de integração das três áreas (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia) no âmbito da Ciência da Informação. Essas experiências são a da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade de Brasília (UnB) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Espera-se que a divulgação destas experiências sirva como estímulo para trocas de experiências entre as instituições, para o incremento dos debates na área e possa ser um insumo para incursões teóricas que busquem aprofundar os variados aspectos epistemológicos envolvidos nessa possível integração.

### **O quadro institucional brasileiro**

A área de Biblioteconomia no Brasil começou a se desenvolver ainda no século XIX. Castro (2000) distingue cinco fases na evolução do campo no Brasil, destacando um início com marcada influência francesa até a década de 1930, seguindo-se uma hegemonia do pragmatismo norte-americano nas décadas seguintes, sendo a década de 1960 um marco com a uniformização dos conteúdos pedagógicos dos cursos superiores e com a regulamentação da profissão. A partir dos anos 1970, a criação de programas de pós-graduação conferiu um impulso teórico e conceitual para o campo. Existem, hoje, 36 cursos de graduação em Biblioteconomia no país, conforme apresentado no quadro 1:

<b>Ano de criação</b>	<b>Universidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Departamento</b>	<b>Faculdade/Instituto/Centro</b>
1911	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ		Escola de Biblioteconomia
1942	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA		Instituto de Ciência da Informação
1947	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	Ciências da Informação	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

<b>Ano de criação</b>	<b>Universidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Departamento</b>	<b>Faculdade/Instituto/Centro</b>
1950	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	–	Escola de Ciência da Informação
1950	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	Ciência da Informação	Centro de Artes e Comunicação
1960	Universidade Santa Úrsula (USU)	RJ	–	Instituto de Tecnologia da Informação e da Comunicação
1962	Universidade de Brasília (UnB)	DF	Ciência da Informação e Documentação	Faculdade de Ciência da Informação
1962	Fundação Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC)	SC	Departamento de Biblioteconomia e Gestão da Informação - DBI	Centro de Ciências Humanas e da Educação (FAED)
1963	Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo (FESPSP)	SP		Faculdade de Biblioteconomia e Ciência da Informação
1963	Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA	Faculdade de Biblioteconomia	Instituto de Ciências Sociais Aplicadas
1963	Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	Documentação	Instituto de Arte e Comunicação Social
1964	Universidade Federal do Ceará (UFC)	CE	Ciências da Informação	Centro de Humanidades
1964	Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCAMP)	SP		Faculdade de Biblioteconomia
1965	Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)	RN	Biblioteconomia	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
1966	Universidade de São Paulo (USP)	SP	Biblioteconomia e Documentação	Escola de Comunicação e Artes
1966	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	AM	Biblioteconomia	Instituto de Ciências Humanas e Letras
1969	Universidade Federal do Maranhão (UFMA)	MA	–	Centro de Ciências Sociais
1969	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	Ciência da Informação	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
1972	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	PR	Ciência da Informação	–
1974	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	Ciência da Informação	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
1975	Faculdades Integradas Teresa D'Ávila (FATEA)	SP	–	Faculdade de Biblioteconomia e Documentação
1978	Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG)	RS	Biblioteconomia e História	Instituto de Ciências Humanas e da informação
1980	Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	–	Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia
1994	Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)	SP	Ciências da Informação	Centro de Educação e Ciências Humanas

Ano de criação	Universidade	Estado	Departamento	Faculdade/Instituto/Centro
1996	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	Ciência da Informação	Centro de Ciências da Educação
1998	Universidade Federal de Alagoas (UFAL)	AL	–	–
2000	Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT)	MT	Departamento de Educação (em fase de criação do Departamento de Biblioteconomia)	Instituto de Ciências Humanas e Sociais
2001	Universidade Federal do Paraná (UFPR)	PR	Departamento de Ciência e Gestão da Informação	Setor de Ciências Sociais Aplicadas
2005	Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)	RJ	–	Faculdade de Administração e Ciências Contábeis
2005	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)	SP	Departamento de Ciência da Informação	Faculdade de Filosofia e Ciências
2009	Centro Universitário Assunção (UniFAI)	SP	–	–
sd	Centro Universitário de Formiga (UNIFOR)	MG	–	–
sd	Instituto de Ensino Superior da Funlec (IESF)	MS		
sd	Universidade Estadual do Piauí (UESPI)	PI		Centro de Ciências Sociais e Aplicadas
sd	Faculdades Integradas Coração de Jesus (FAINC)	SP	–	Faculdade de Biblioteconomia
Sd	Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações (UNINCOR)	MG		Instituto de Ciências Organizacionais e Administrativas

QUADRO 1 – Cursos de Biblioteconomia no Brasil

Fonte: Elaboração dos autores, com base em levantamento realizado nos *sites* das instituições, da Associação Brasileira de Educação em Ciência da Informação (ABECIN) e da lista apresentada por Oliveira (2005).

No caso da Arquivologia, preocupações e iniciativas voltadas para a formação do pessoal de arquivo são também identificadas na trajetória da área no Brasil desde o final do século XIX. Estas inquietações se intensificaram, sobretudo, a partir dos anos 1950 e culminaram no primeiro Curso de Arquivologia, o Curso Permanente de Arquivos (CPA), de 1960 (MARQUES, 2007). Esse curso foi transferido para a Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado do Rio de Janeiro (FEFIERJ), atual Universidade Federal do Estado do

Rio de Janeiro (UNIRIO), e abriu espaço para o surgimento de mais quatorze cursos de graduação em Arquivologia em universidades públicas de todas as regiões brasileiras, conforme o quadro a seguir:

<b>Ano de criação</b>	<b>Universidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Departamento</b>	<b>Faculdade/Instituto/Centro</b>
1976	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ	-	Centro de Ciências Humanas e Sociais/Escola de Arquivologia
1976	Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)	RS	Documentação	Centro de Ciências Sociais e Humanas
1978	Universidade Federal Fluminense (UFF)	RJ	-	Instituto de Arte e Comunicação Social
1990	Universidade de Brasília (UnB)	DF	-	Faculdade de Ciência da Informação
1997	Universidade Estadual de Londrina (UEL)	PR	Ciência da Informação	Centro de Educação, Comunicação e Artes
1997	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	-	Instituto de Ciência da Informação
1999	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	Ciências da Informação	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
1999	Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	ES	Arquivologia	Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas
2002	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Marília)	SP	Ciência da Informação	Faculdade de Filosofia e Ciências
2006	Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)	PB	-	Centro de Ciências Biológicas e Sociais e Aplicadas
2007	Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	PB	Ciência da Informação	Centro de Ciências Sociais Aplicadas
2008	Fundação Universidade do Rio Grande (FURG)	RS	-	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
2008	Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	MG	-	Escola de Ciência da Informação

2008	Universidade Federal do Amazonas (UFAM)	AM	Biblioteconomia	Instituto de Ciências Humanas e Letras
2009	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	Ciência da Informação	Centro de Ciências da Educação

**QUADRO 2 – Cursos de Arquivologia no Brasil**

Fonte: elaboração própria, com base nos *sites* das referidas universidades, no questionário encaminhado aos docentes dos cursos de graduação em Arquivologia em 2005-2006 (MARQUES, 2007) e atualizado conforme a apresentação dos professores desses cursos na I Reunião de Ensino e Pesquisa em Arquivologia (Brasília, 7 a 9 de junho de 2010).

Criados no espaço universitário entre 1976 e 2009, os cursos de Arquivologia tiveram uma expansão recente. A maioria deles está vinculada a departamentos ou escolas de Ciência da Informação, Biblioteconomia ou Documentação, o que pode explicar, parcialmente, a titulação dos professores desses cursos em Ciência da Informação.

No âmbito da pós-graduação, mesmo não existindo no Brasil programas de pós-graduação *stricto sensu* em Arquivologia (o que parece indicar ainda uma fragilidade do campo), foram desenvolvidas dissertações e teses com temáticas arquivísticas em programas de pós-graduação de várias áreas. Num levantamento que contemplou o período de 1972 a 2006, foram identificadas 77 dissertações de mestrado e 10 teses de doutorado. Destas, foram desenvolvidas, em Programas de Pós-graduação em Ciência da Informação, 31 dissertações e cinco teses (MARQUES, 2007).

Quanto aos cursos de Museologia, o primeiro deles foi o da Unirio. Sua origem remonta ao *Curso Técnico de Museus*, criado em 1932, ligado à Direção do Museu Nacional, e que, em 1951, passou a ter mandato universitário conferido pela então Universidade do Brasil, atual UFRJ. Em 1977, este curso foi incorporado à FEFIERJ, que, em 1979, passou a denominar-se Unirio<sup>1</sup>. Embora exista uma linha de continuidade, eles não constituem exatamente o mesmo curso, possuindo tendências e concepções bastante diferentes (CHAGAS, 2009).

<sup>1</sup> Conforme informações disponíveis em <<http://www.unirio.br/museologia/nummus/75anos.htm>>, acesso em 16 abr. 2011. Agradecemos aos avaliadores do artigo pelas sugestões no texto e indicação de referências sobre a evolução histórica dos cursos de Museologia no Brasil.

O segundo curso foi criado em 1970 na UFBA. Durante muito tempo, existiram apenas estes dois cursos, sendo que, apenas, a partir de 2004 começam a existir outros. Destaca-se, além disso, a criação recente de uma atuante Rede de Professores de Museologia, que já promoveu encontros nacionais na perspectiva de discussão das diferentes propostas pedagógicas dos cursos e de ações, visando ao fortalecimento da área. Os cursos atualmente existentes são apresentados a seguir:

<b>Ano de criação</b>	<b>Universidade</b>	<b>Estado</b>	<b>Departamento</b>	<b>Faculdade/Instituto/Centro</b>
1932	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)	RJ	-	Centro de Ciências Humanas
1970	Universidade Federal da Bahia (UFBA)	BA	Museologia	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
2004	Centro Universitário Barriga Verde (UNIBAVE)	SC	-	-
2006	Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB)	BA	-	Centro de Artes, Humanidades e Letras
2006	Universidade Federal de Pelotas (UFPEl)	RS	-	Instituto de Ciências Humanas
2008	Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)	PE	Antropologia e Museologia	Centro de Filosofia e Ciências Humanas
2008	Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)	MG	Museologia	Instituto de Ciências Humanas
2008	Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	RS	Ciências da Informação	Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
2009	Universidade Federal do Pará (UFPA)	PA		Instituto de Ciências da Arte
2009	Universidade Federal de Sergipe (UFS)	SE	Museologia	-
2010	Universidade de Brasília (UNB)	DF	-	Faculdade de Ciência da Informação
2010	Universidade	MG	-	Escola de Ciência da Informação

	Federal de Minas Gerais (UFMG)			
2010	Universidade Federal de Goiás (UFG)	GO	-	Faculdade de Ciências Sociais
2010	Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	SC	Departamento de Expressão Gráfica	

QUADRO 3 – Cursos de Museologia no Brasil

Fonte: Elaboração dos autores, com base em levantamento realizado nos *sites* das instituições.

Uma das características do ensino superior em Museologia no Brasil foi sua dispersão pelas áreas científicas. Os diversos cursos existentes são vinculados a departamentos, faculdades ou institutos de História, Belas Artes, Antropologia ou Arquitetura, a partir dos diferentes motivos, demandas, estratégias e contextos que possibilitaram sua criação. Tal característica, por um lado, favoreceu a dimensão interdisciplinar do campo, permitindo a atuação de profissionais de várias áreas e trazendo distintas contribuições; por outro, repercutiu na configuração de modelos formativos bastante diferentes entre si. Tal diversidade torna, algumas vezes, difícil a consolidação da Museologia como campo autônomo, uma vez que ela acaba adquirindo uma dimensão instrumental em relação às outras áreas e se expressando em cursos mais direcionados para a atuação em tipos específicos de museus: os históricos, os de arte ou os etnográficos. Nestes casos, as problemáticas ou reflexões históricas, artísticas ou etnográficas, por vezes, eclipsam ou relevam para segundo plano as questões propriamente museológicas.

Tais questões se estendem para a pós-graduação. Existe já, no Brasil, um mestrado e um doutorado em Museologia, na Unirio. Mas o maior volume da produção científica do campo é desenvolvido em programas de pós-graduação de outras áreas, entre as quais Ciência da Informação, Comunicação Social, História, Antropologia e Belas Artes.

Entre os diversos desafios enfrentados pelas áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia no Brasil destacam-se, para efeitos da discussão aqui empreendida, aqueles relacionados com as tentativas de integração entre elas, levadas a cabo no âmbito da UFMG, UFRGS e UNB.

## **A experiência da UFMG**

Na UFMG, existe um curso de Biblioteconomia desde 1950. Desde meados da década de 1970, começou-se a discutir a viabilidade de criação de um curso de Arquivologia. Reuniões foram realizadas, propostas feitas, mas o projeto não se concretizou. Antes disso, criou-se o Mestrado em Administração de Bibliotecas, alterado para Mestrado em Biblioteconomia e, finalmente, Mestrado em Ciência da Informação. A década de 1990 foi particularmente relevante para a escola, consistindo no momento de mudança da denominação do mestrado e do nome do periódico científico da escola (de Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG para Perspectivas em Ciência da Informação). Nesse período houve ainda a criação do doutorado em Ciência da Informação, de uma turma de graduação em Biblioteconomia no período noturno e, por fim, no ano 2000, a mudança do próprio nome da escola, de Escola de Biblioteconomia para Escola de Ciência da Informação (ECI).

O processo de reformulação da graduação teve início antes do REUNI e antes que se pensasse na criação de novos cursos. O processo começou com as atividades de reestruturação do curso de Biblioteconomia, em 2004, para as quais foram organizadas nove comissões temáticas, relacionadas aos campos de conhecimentos envolvidos com a área do curso: Fundamentos teóricos e metodológicos da ciência da informação (FTMCI), Princípios gerais da organização e tratamento da informação (OTI), Usuários da informação (USI), Fundamentos culturais, políticos e sociais da informação (FCPS), Gestão da informação (GI), Fontes e uso da informação (FUSI) e Tecnologia da informação (TI). Coordenadas pelo colegiado do curso de graduação em Biblioteconomia, elas tiveram por responsabilidade propor um conjunto de disciplinas e respectivas ementas para o curso de Biblioteconomia.

No meio do processo de discussão desta reestruturação, com a chegada do REUNI, a ECI/UFMG decidiu-se pela criação dos cursos de Arquivologia e Museologia. Uma comissão foi constituída, ainda em 2007, para a elaboração do projeto pedagógico do curso de Arquivologia, e desenvolveu seus trabalhos de forma paralela aos das outras

subcomissões. Neste processo, as subcomissões acabaram por desenvolver uma relativa autonomia em relação ao colegiado do curso de Biblioteconomia, uma vez que passaram a ter por referência a construção de disciplinas e ementas não mais apenas para um curso, mas para os três cursos propostos.

Dessa forma, um primeiro arranjo se fez, e a área de Fontes e uso da informação acabou ficando ligada especificamente ao curso de Biblioteconomia (embora ofereça atividades optativas para os outros dois cursos). Foi definido, neste momento, um conjunto de atividades, disciplinas e conhecimentos específicos para esse curso e, ao mesmo tempo, para o de Arquivologia. E um outro conjunto de conhecimentos e atividades, relacionadas às seis outras subcomissões temáticas, acabaram por conformar o Tronco Comum da área de Ciência da Informação (TCCI).

Em 2008, concluiu-se o processo de construção do projeto pedagógico destes dois cursos (CENDÓN *et al*, 2008), com o tronco comum com 960 horas/aula, composto por 17 disciplinas, assim distribuídas: três do grupo FTMCI, três de OTI, duas de USI, duas de FCPS, três de GI e três de TI. O curso de Biblioteconomia ficou, ainda, com um tronco específico de atividades composto por 12 disciplinas, perfazendo 690 horas/aula, envolvendo assuntos como catalogação, sistemas de classificação, sistemas de recuperação da informação, disseminação da informação, formação do leitor, entre outras. Já o curso de Arquivologia ficou com um total de 570 horas/aula de tronco específico, perfazendo dez disciplinas em áreas como gestão de documentos arquivísticos, arquivos permanentes, avaliação, diplomática, entre outros. Para ambos os cursos, ficou definida, também, uma atividade de estágio curricular com 240 horas/aula, e um escopo de atividades optativas (sendo 510 horas/aula no curso de Biblioteconomia e 630 horas/aula no curso de Arquivologia).

No final de 2008, foi instituída uma comissão para a criação do curso de Museologia. Firmou-se uma parceria entre a ECI/UFMG e a Escola de Belas Artes da UFMG (EBA/UFMG), o que resultou na constituição de uma comissão composta por professores das duas áreas. Firmou-se também uma parceria com a Rede de Museus e Espaços de Ciências da UFMG.

Ao longo dos trabalhos dessa comissão, perceberam-se algumas especificidades da Museologia que dificultavam sua integração aos dois outros cursos por meio do TCCI, tal como definido anteriormente. Dessa forma, o tronco comum para o curso de Museologia foi reduzido em quatro disciplinas, ficando com 750 horas/aula. As disciplinas e atividades específicas de Museologia ficaram divididas em dois grandes grupos: um relacionado a atividades de museologia, museografia e patrimônio cultural, sob responsabilidade da ECI/UFMG, perfazendo dez disciplinas (540 horas/aula); e outro relacionado à arte, musealização, conservação e exposição museográficas, sob responsabilidade da EBA/UFMG, com sete disciplinas (420 horas/aula). Manteve-se o formato da vivência profissional supervisionada, ao final do curso, com 240 horas/aula, e um conjunto de atividades optativas, totalizando 450 horas/aula (ARAÚJO *et al*, 2010).

Assim, em fevereiro de 2008 teve início o curso de graduação em Arquivologia e o novo currículo do curso de Biblioteconomia. Em 2010, teve início o curso de Museologia. Com isso, concluiu-se o projeto de reestruturação e ampliação dos cursos de graduação da ECI/UFMG. Contudo, algumas questões ainda ficaram em aberto, tanto ligadas à consolidação do Tronco Comum, quanto relacionadas às especificidades dos três campos. Desse modo, os próximos anos serão, para a ECI/UFMG, de muita reflexão e discussão, relativas, por um lado, ao processo de implementação dos novos currículos e, por outro lado, à chegada de um expressivo contingente de novos professores (oito de Arquivologia e sete de Museologia) a se somarem aos 31 existentes até o início do REUNI.

### **A experiência da UnB**

No contexto de criação da UnB, foi proposta a criação do curso de Biblioteconomia, ainda em 1962, ano da regulamentação da profissão de bibliotecário e do currículo mínimo nacional. Somente em 1965, contudo, o curso foi criado, na Faculdade de Biblioteconomia e Informação Científica (FUBICA). Com a duração de três anos, o currículo pleno previa uma formação técnica, “ligada às atividades da documentação, que focalizava, de forma pioneira no Brasil, a incipiente mecanização e

automação das bibliotecas” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005). Em 1978 foi criado o Mestrado em Biblioteconomia, que mais tarde seria denominado Mestrado em Ciência da Informação.

As primeiras tentativas de criação do Curso de Arquivologia na UnB aconteceram nessa década, com as negociações com o Departamento de História e Geografia (MARQUES, 2007). Considerando o fato de o Distrito Federal abrigar os órgãos de administração do Estado brasileiro, “diversas ações foram realizadas visando a conscientizar e ao mesmo tempo instigar os estabelecimentos de ensino superior, tanto públicos quanto privados, a implantarem o Curso de Graduação em Arquivologia no Distrito Federal” (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1998, p. 9).

O então Reitor da UnB nomeou uma comissão interdepartamental (Resolução n. 81, de 30 de dezembro de 1977), para implantar o Curso no Departamento de História e Geografia, da qual faziam parte representantes deste Departamento e dos departamentos de Direito, Administração, Estatística e Biblioteconomia. Os trabalhos dessa comissão foram concluídos em 1978, quando se encaminhou a proposta de criação do curso ao Reitor. No entanto, o Curso não foi implementado e o processo de criação foi praticamente arquivado (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 1998, p. 10).

Em 1984, Astréa de Moraes e Castro, que, na década anterior, negociara a implantação do curso no Departamento de História, ao prestar serviços ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa Educacionais (INEP), conheceu a bibliotecária e diretora do Centro de Documentação dessa instituição, Lídia Alvarenga, que, logo depois, passou a ser Diretora do Departamento de Biblioteconomia da UnB. Castro tomou conhecimento que os estudos sobre a implantação do Curso Superior de Arquivologia seriam retomados, com a colaboração da Professora Heloísa Bellotto (MARQUES, 2007).

Isso aconteceu somente em 1990, no então Departamento de Biblioteconomia, quando o Reitor da UnB encaminhou a proposta de criação ao Representante da UNESCO em Brasília e ao Embaixador dessa instituição, solicitando seu apoio e patrocínio para a implantação do curso. Nessa oportunidade, foram apresentadas as justificativas da sua implantação, das quais se destacam a necessidade de suprir a ausência de formação dos

profissionais encarregados da gestão dos arquivos públicos e privados existentes no Distrito Federal e da preservação da memória nacional. Nessa perspectiva, o curso seria orientado para os arquivos administrativos, atendendo à demanda de organização da documentação produzida e acumulada pela administração federal.

Assim, em setembro de 1990, foi constituído um processo tratando da proposta de criação do curso no Departamento de Biblioteconomia, justificada pelas matérias comuns aos dois cursos, pela existência de laboratório de informática apropriado, além de outras afinidades entre a Biblioteconomia e a Arquivologia. Em seguida, foi aprovada a criação do curso noturno de graduação em Arquivologia, que deveria ser implementado a partir do primeiro semestre de 1991. Aprovado, o curso começou a funcionar naquele ano, no Departamento de Biblioteconomia, o qual, por sua vez, passou a se denominar Departamento de Ciência da Informação e Documentação (CID), hoje Faculdade de Ciência da Informação (FCI).

Atualmente o Curso de Arquivologia é constituído de 160 créditos, que equivalem a 2.400 horas. Desses, 120 são obrigatórios, que contemplam, inclusive, oito créditos relativos a estágios supervisionados (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010). Esse curso compartilha os mesmos espaços institucionais do curso de graduação em Biblioteconomia e do recém-criado curso de Museologia, além do mestrado e doutorado em Ciência da Informação (este criado no início dos anos 1990).

O curso de Biblioteconomia, depois de passar por algumas reformas curriculares (1982, 1992 e 1997), hoje compreende 180 créditos (90 obrigatórios, 30 do domínio conexo e 60 do módulo livre). Sintonizado às orientações da *American Library Association* (ALA), o curso de Biblioteconomia volta-se para: a informação e o conhecimento registrado (registrável), os serviços e tecnologias para habilitar sua gestão e uso (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2005, p. 4).

O curso de Museologia foi criado em 2008, em resposta a uma demanda do Departamento de Museus do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Demu/Iphan), do Ministério da Cultura, encaminhada já em 2006 (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010). Embora esteja sediado na FCI, recebe contribuições diretas dos

departamentos de História, Antropologia e Artes Visuais, no âmbito de um termo de compromisso assumido por essas quatro unidades acadêmicas em torno dos seguintes eixos temáticos: Teoria e Prática Museológica, Museologia e Informação, Museologia e Patrimônio Cultural, Preservação e Conservação de Bens Culturais (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, 2010, p. 10).

O curso contempla disciplinas obrigatórias e optativas organizadas num total de 169 créditos (118 obrigatórios e 51 optativos), que correspondem a 2.535 horas e fazem parte do Núcleo Básico do Curso. Dentre esses créditos, oito (120 horas) correspondem aos estágios supervisionados, e outros oito à elaboração do trabalho de conclusão do curso. Além desses, são previstos 24 créditos a serem cumpridos em módulo livre, com atividades acadêmicas, científicas, culturais, de extensão e complementares. Os conteúdos das disciplinas são distribuídos de forma a respeitar os principais núcleos de conteúdos específicos de Museologia, relacionando-os às ciências afins – Biblioteconomia, Arquivologia, Ciência da Informação, História, Arte, Antropologia etc – e dos conhecimentos sociais, políticos e culturais, buscando uma ampla e sólida formação.

A FCI, que abriga os cursos de graduação em Biblioteconomia, Arquivologia e Museologia, preocupada com as interfaces e diálogos entre eles, em torno da gênese, organização, comunicação e disponibilização da informação, vem estudando a harmonização do ensino das três áreas, por meio dos trabalhos da Comissão de Integração Curricular. Essa comissão está concentrada na análise de disciplinas que perpassem os interesses comuns dos três cursos, como: Introdução à Pesquisa na Ciência da Informação, Introdução à Ciência da Informação, Fundamentos da Organização da Informação, Preservação e Conservação de Documentos, Estudos de Usuários e Planejamento de Unidades de Informação<sup>2</sup>. O estudo em torno da definição dos eixos e das disciplinas do tronco comum consolidará essa proposta quanto aos interesses das disciplinas que

---

<sup>2</sup> Conforme documento elaborado pela Comissão de Integração Curricular da UnB, fruto da primeira etapa dos estudos sobre a *Identificação do Eixo Integrador: Tronco Comum das Disciplinas da FCI*, gentilmente compartilhado pela Prof<sup>a</sup> Lillian Álvares, presidente dessa Comissão. Os quatro eixos inicialmente propostos – a) construção do saber, b) Ciência da Informação, c) instituições e usuários e d) tecnologia – estão sendo analisados por todos os professores da FCI, tendo em vista a identificação de nomenclaturas que traduzam as necessidades do eixo integrador.

configuram o campo da informação, respeitando as peculiaridades biblioteconômicas, arquivísticas e museológicas. Ou seja: a proposta do núcleo comum busca o compartilhamento de disciplinas que sejam ofertadas no início dos cursos e que possam subsidiar os estudos de cada curso, mediante suas disciplinas do núcleo específico.

### **A experiência da UFRGS**

A história do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul tem origem no curso Livre de Biblioteconomia criado na, então, Universidade de Porto Alegre, em 1947, sob a justificativa da demanda por bibliotecas organizadas segundo técnicas científicas modernas. O currículo do curso baseava-se na orientação teórica e pedagógica do curso de Biblioteconomia da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, com duração de dois anos e disciplinas de Bibliografia e Referência, Catalogação, Classificação, Organização e Administração de Bibliotecas e História do Livro e das Bibliotecas (OLIVEIRA; ROCHA, 2008).

Em 1954, o curso passou a funcionar sob a denominação de Curso Extraordinário de Biblioteconomia na Escola de Economia da Universidade. Sob a influência da criação do antigo Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD) e seu enfoque na documentação, em 1958, o curso da UFRGS passou a denominar-se Curso de Biblioteconomia e Documentação. A Escola de Biblioteconomia e Documentação da UFRGS surgiu em 1966, marcada pela reforma universitária e as decorrentes alterações impostas a todos os currículos da universidade a partir de 1972 (SANTOS; SILVEIRA, 2000). Entre estas alterações destacam-se a incorporação das disciplinas do ciclo básico, a semestralização e o duplo ingresso.

No início dos anos 1970, a UFRGS inaugurou o prédio da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Localizado em meio ao *Campus* da Saúde da universidade e distante geograficamente da Reitoria e dos cursos de Ciências Sociais sediados no *Campus* do Vale, o prédio de cinco andares consolidou uma união polêmica, por reunir cursos tão distintos, um proveniente da Faculdade de Economia e o outro da

Faculdade de Filosofia. Neste contexto, foram criados o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação (PPGCOM), em 1998, e os cursos de graduação em Arquivologia e Museologia, em 1999 e 2007, respectivamente. Até hoje os dois departamentos (Departamento de Ciências da Informação e Departamento de Comunicação), seus seis cursos de graduação (Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas) e um curso de pós-graduação (PPGCOM), dividem o mesmo prédio. Apesar da controversa e difamada união, a iminente ocupação de um prédio vizinho, no mesmo *campus*, aparentemente não separará os dois departamentos.

Desde sua criação sob o título de curso Livre de Biblioteconomia, o currículo do curso de Biblioteconomia da UFRGS passou por quatro reformas, nos anos de 1963, 1968, 1982 e 1999 (OLIVEIRA; ROCHA, 2008). A reforma, implantada em 1963, baseou-se no currículo mínimo do Ministério da Educação e Cultura, ampliando o tempo de duração para três anos e incluindo disciplinas de História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Científico e Filosófico, Documentação e Paleografia. As novas disciplinas apontaram para uma valorização da formação humanística do bibliotecário, aliada à técnica que era enfatizada no currículo anterior. A reforma curricular proposta em 1999 apoiou-se sobre os quatro eixos dos currículos dos países do Mercosul, a saber: Fundamentos das Ciências da Informação, Organização e Tratamento da Informação, Recursos e Serviços de Informação e Gestão de Sistemas de Informação. A partir do primeiro semestre de 2009, a Comissão de Graduação do curso iniciou os estudos para uma nova alteração em aspectos pontuais do currículo, com implantação prevista para março de 2011.

A justificativa para a alteração curricular do curso de Biblioteconomia concentra-se no fato de que, dentre os três cursos da UFRGS, o currículo de Biblioteconomia era o mais antigo e com maior carga horária, distribuída nos turnos da manhã, tarde e noite. Enquanto a Arquivologia apresenta a exigência de 116 créditos obrigatórios, a Biblioteconomia exige o cumprimento de 136, e a Museologia de 91. Em contrapartida, a Museologia, por apresentar um currículo mais recente, exige o cumprimento de 40

créditos eletivos, enquanto na Arquivologia são 16 e na Biblioteconomia são 20. Quanto aos créditos complementares, também a Biblioteconomia apresenta uma excessiva exigência, de 12 créditos (na Arquivologia são nove e na Museologia oito). Dentre os três cursos, o currículo de Museologia é o mais enxuto e concentra suas atividades no turno da tarde. O turno da noite é destinado ao curso de Arquivologia.

A implantação dos cursos de Arquivologia e Museologia, apesar de recente, remonta ao início da década de 1980, quando se efetivaram os primeiros estudos para implantação do curso de Arquivologia, coordenados pela, então, Chefe do Departamento de Biblioteconomia e Documentação, professora Lourdes Gregol Fagundes da Silva. Em viagem aos Estados Unidos, esta professora, bibliotecária por formação, visitou inúmeras universidades, arquivos, bibliotecas e museus, e em seu retorno surgiu a proposta de criação dos cursos de Arquivologia e Museologia, juntos com a Biblioteconomia (10 ANOS da Arquivologia..., 2009).

Na década de 1990, as intenções da chefia de departamento e do então Reitor da universidade, juntamente com a demanda da Associação Sul-riograndense de Profissionais de Museus para criação do curso de Museologia, deram início aos estudos para criação do curso de Museologia.

Em 1992, iniciaram-se oficialmente no Departamento de Biblioteconomia e Documentação os estudos para a implantação do curso de graduação em Arquivologia e Museologia, pautados pela declaração da Unesco:

Muitos indícios apontam no sentido de que há um núcleo comum de interesse, que permite uma convergência de conteúdos básicos para a formação profissional. Não se trata, contudo, de uma proposta para absorção dos diferentes cursos ou de uma profissão pela outra, mas sim a identificação de pontos comuns permitindo o diálogo e aproximação das profissões( UNESCO).

A Arquivologia teve autorização para funcionamento em 1999 e, em março de 2000, a primeira turma aprovada no vestibular iniciou suas aulas. O curso de Museologia, apesar de sofrer uma pausa em seu projeto inicial, teve seus estudos retomados durante a gestão do Reitor José Carlos Ferraz Hennemann e foi implantado, por meio do REUNI, em 2007. O curso foi criado em conexão com o Sistema Estadual de Museus (SEM-RS) e com o apoio do Departamento de Museus (DEMU), atual Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM),

enquanto o currículo segue as Diretrizes do Ministério da Educação, com foco em um perfil para gestão de museus (DALLA ZEN, 2010). Desde sua criação, a Arquivologia passou por uma reforma curricular em 2005, e sofreu alterações propostas pela Comissão de Graduação do curso em 2009. O currículo de Museologia passou por pequenos ajustes no mesmo ano. Segundo Oliveira e Rocha (2008), os currículos dos cursos de Arquivologia e Museologia propõem, ainda que implicitamente, uma visão, dos conceitos de documento e patrimônio, mais próxima ao conceito de informação.

A aproximação dos três cursos na UFRGS se dá por meio de disciplinas e professores comuns. O tronco comum dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia traduz-se em seis disciplinas obrigatórias presentes nos três cursos: Introdução às Ciências da Informação, Administração Aplicada às Ciências da Informação, História dos Registros Humanos, Conhecimento e Sociedade, Fundamentos da Ciência da Informação, Metodologia da Pesquisa aplicada às Ciências da Informação. Além destas, várias outras disciplinas obrigatórias são comuns a dois dos cursos ou de caráter eletivo para os três, tais como Informação e Memória Social, Instituições de Direito, História do Rio Grande do Sul aplicada à Ciência da Informação, Conservação e Preservação de Bens Culturais, Introdução aos Estudos Históricos Aplicados a Ciência da Informação, Produção e Documentos Eletrônicos, Planejamento e Elaboração de Bases de Dados, entre outras.

As alterações curriculares já realizadas e em andamento foram pensadas de acordo com os objetivos próprios de cada curso e a preocupação com a manutenção das disciplinas comuns aos três currículos.

### **Considerações finais**

Bibliotecas, arquivos e museus coexistiam como uma mesma instituição desde a Antiguidade. As distinções começaram a ocorrer com o advento da Modernidade, a partir do século XVIII, com a criação dos grandes arquivos, bibliotecas e museus públicos e nacionais, e se intensificaram no século XIX, com a formulação dos primeiros tratados, sistemas de classificação, regras de catalogação. Marcadas pelo modelo positivista

moderno, as áreas caminharam para a distinção disciplinar por meio da valorização da dimensão tecnicista – segundo a qual se enfatiza mais o *fazer* do que o *conhecer* (SILVA, 2006). Ao mesmo tempo, mantiveram-se muitas vezes como disciplinas auxiliares ou instrumentais de outras (como a História, a Pedagogia, a Literatura, a Administração ou as Belas Artes). O seu desenvolvimento como campo profissional, por vezes, levou a discussões de natureza mais corporativa do que teórica, buscando marcar a especificidade dos campos por meio, principalmente, da distinção das técnicas (dos procedimentos e instrumentos de trabalho).

Ao longo do século XX, diversos fatores como a busca por maior autonomia, a valorização da reflexão e da investigação na busca por maior cientificidade, maior preocupação com o acesso em relação à custódia e ao tratamento dos acervos, na linha do que se tem chamado “perspectiva pós-custodial” (SILVA, 2006), as potencialidades trazidas pelas tecnologias digitais, a menor ênfase na instituição e maior nos fluxos e dinamicidade de contextos, têm facilitado a reaproximação destes campos, em torno das (re)definições da *informação*, objeto comum à Arquivologia, Biblioteconomia, Museologia e Ciência da Informação.

Existem diversos exemplos de integração em várias partes do mundo. Em alguns casos, tem-se a integração destas áreas no escopo da conformação disciplinar, como nos casos da França, onde existe a área das *Sciences de l’Information et de la Communication*, integrando não apenas as três áreas como também os campos profissionais da Comunicação (LE COADIC, 2008); e da Espanha, onde a integração ocorre no âmbito das *Ciencias de la Documentación*, com impactos positivos inclusive no campo das associações profissionais (LÓPEZ YÉPES, 2006). No plano institucional, destacam-se o caso do Canadá, onde a Biblioteca Nacional fundiu-se ao Arquivo Nacional (SALAÛN; ARSENAULT, 2010); e da União Europeia, que criou a Europeia, um portal com milhares de recursos de acervos de arquivos, bibliotecas e museus (BANAT-BERGER; DUPLOUY; HUC, 2009).

A exemplo dessas experiências internacionais, o Brasil tem buscado acomodar essas três áreas no escopo da Ciência da Informação, inclusive para fins de financiamento à pesquisa, conforme classificação das áreas do conhecimento do CNPq. Na sua Tabela de

Áreas do Conhecimento (TAC) em vigor<sup>3</sup>, a Ciência da Informação compõe, com outras áreas, a grande área das Ciências Sociais Aplicadas e tem como subáreas, a Teoria da Informação, a Biblioteconomia e a Arquivologia (FERNANDEZ, 2008). Essa classificação não é consenso entre os profissionais, professores e pesquisadores dessas subáreas e chegou a ser formalmente questionada, mediante proposta de reclassificação, que as tornaria independentes da Ciência da Informação<sup>4</sup>. A proposta acabou por não ser aprovada, o que é sintomático da complexidade do campo da informação, abrigo de alianças e palco de conflitos, expressões das conquistas e lutas que são travadas no seu interior e nas suas fronteiras.

De toda forma, a atual configuração acadêmica e institucional da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, no âmbito da Ciência da Informação, as iniciativas que vêm sendo empreendidas para a harmonização do ensino (retomando as preocupações da UNESCO, a partir da década de 1960), a classificação das áreas do conhecimento em vigor e os desafios em torno da gestão, disponibilização e acesso à informação convidam a repensar o papel social dessas disciplinas e a efetivação da sua integração, conforme os esforços das três universidades em questão.

Evidentemente o caminho é longo. A confusão epistemológica e metodológica que os primeiros currículos integradores poderão suscitar, diante das diferentes distribuições das disciplinas comuns e específicas de cada área despontam como desafios a serem superados com estudos que articulem as necessidades, limites e potencialidades em torno de um objeto polissêmico, fluido, dinâmico e complexo: a informação.

## REFERÊNCIAS

### **10 ANOS da Arquivologia na UFRGS. Discursos. 2009. 1 DVD.**

ARAUJO, Carlos Alberto et al. O curso de graduação em Museologia da ECI/UFMG: concepção e projeto pedagógico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 282-307, jan./abr. 2010.

---

<sup>3</sup> As informações quanto à atual TAC encontram-se disponíveis em:

<<http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>>, acesso em 17 nov. 2009.

<sup>4</sup> Informações disponíveis em: <<http://www.memoria.cnpq.br/areas/cee/proposta.htm>>. Acesso em 4 maio/2008.

BANAT-BERGER, Françoise; DUPLOUY, Laurent; HUC, Claude. **L'Archivage numérique à long terme: les débuts de la maturité?** Paris: Direction des Archives de France; La Documentation Française, 2009.

BERWANGER, Ana Regina. BERWANGER, Ana Regina: depoimento sobre a criação do curso de Arquivologia da UFRGS [out. 2010]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2010. 1 arquivo sonoro.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. CNE/CES 492/200. Diretrizes curriculares..., de 03 de abril de 2001. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES0492.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2010.

CASTRO, César. **História da biblioteconomia brasileira.** Brasília: Thesaurus, 2000.

CENDÓN, Beatriz et al. Cursos de graduação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais: propostas de expansão e flexibilização. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 3, p. 223-240, set./dez. 2008.

CHAGAS, Mario. **A imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro.** Rio de Janeiro: MinC/IBRAM, 2009.

CONFERENCE INTERGOUVERNEMENTALE SUR LA PLANIFICATION DES INFRASTRUCTURES NATIONALES EN MATIERE DE DOCUMENTATION, DE BIBLIOTHEQUES ET D'ARCHIVES, 1974, Paris. **Document de travail.** Paris: Unesco, 1974. 56 p.

DALLA ZEN, Ana Maria. DALLA ZEN, Ana Maria: depoimento sobre a criação do curso de Museologia da UFRGS [out. 2010]. Entrevistadora: Samile Andréa de Souza Vanz. Porto Alegre, 2010.

**FERNANDEZ, Rosali. A Ciência da Informação como área do conhecimento e de fomento no CNPq. In: Encontro Nacional de Ensino e Pesquisa em Informação, 8., Salvador, 2008. Anais... Salvador, 2008.**

LE COADIC, Yves. **A ciência da informação.** Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LE COADIC, Yves. Science de l'information. In: CACALY, Serge et al. **Dictionnaire de l'information.** Paris: Armand Colin, 2008, p. 225-230.

LÓPEZ YÉPES, José (org). **Manual de ciencias de la documentación.** Madrid: Pirámide, 2006.

**MARQUES, Angelica Alves da Cunha. Os espaços e os diálogos da formação e configuração da Arquivística como disciplina no Brasil. 2007. 298 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.**

**MATOS, Maria Teresa Navarro de Brito; CUNHA, Vanda Angelica da. Notas acerca da convergência da formação acadêmica e profissional entre a Arquivologia, a Biblioteconomia e a Ciência da Informação. In: IV CINFORM, 2003, Salvador. Anais... Salvador : UFBA/ICI, 2003. p. 167-177.**

OLIVEIRA, L.D.; ROCHA, R. P. Da fragmentação da informação à integração: o caso dos cursos de arquivologia, biblioteconomia e museologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. In: FRIAS, J.A.; TRAVIESO, C. (Ed.). **Formação, investigação e mercado de trabalho em informação e documentação em Espanha e Portugal**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2008. p. 387-399.

OLIVEIRA, Marlene de. (Coord.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SALAÜN, Jean-Michel; ARSENAULT, Climent. **Introduction aux sciences de l'information**. Paris: La Découverte, 2010.

SANTOS, Jussara Pereira; SILVEIRA, Itália Maria Falceta da. FABICO: fragmentos de uma trajetória. **Revista de Biblioteconomia e Comunicação**, Porto Alegre, v. 8, p. 275-290, jan./dez. 2000.

SARACEVIC, Tefko. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**. Belo Horizonte, v.1, n.1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SILVA, Armando Malheiro. **A informação: da compreensão do fenômeno e construção do objecto científico**. Porto: Afrontamento, 2006.

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**. Manual do Curso de Graduação em Arquivologia. **Brasília: UnB, 1998**.

\_\_\_\_\_. **Biblioteconomia: manual do curso de graduação**. Universidade de Brasília: Brasília, 2005. Disponível em: <[http://www.cid.unb.br/m001/M0011000.asp?txtID\\_PRINCIPAL=29](http://www.cid.unb.br/m001/M0011000.asp?txtID_PRINCIPAL=29)>. Acesso em: 27 jun. 2010.

\_\_\_\_\_. **Manual do Curso de Bacharelado em Museologia**. Universidade de Brasília: 2010.